



À SOMBRA DAS VIRGENS: OS CÓDIGOS DE CONDOTA DA “PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA” NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

Ana Claudia Ribas¹

“Desejar é a coisa mais simples e humana que há. Por que, então, para nós são inconfessáveis precisamente nossos desejos, por que nos é tão difícil trazê-los à palavra? Tão difícil que acabamos mantendo-os escondidos, e construímos para eles uma cripta, onde permanecem embalsamados, à espera.”²

Durante a primeira metade do século XX a sociedade brasileira se modernizava, afastando-se dos valores cristão-católicos. Novas representações de homens e mulheres e outras possibilidades de relações sociais surgiam. A Igreja Católica reagia reafirmando suas representações normativas, utilizando para tal empreendimento associações católicas. Entre as mais salientes, podemos destacar a *Pia União das Filhas de Maria*.

As associações católicas existentes na primeira metade do século passado possuíam diferenciações que pautavam-se nas diferenciações de gênero e de papéis sociais concebidos no âmbito do catolicismo. Um exemplo é a associação analisada neste trabalho: a Pia União das Filhas de Maria, que destinava-se a “donzelas cristãs”³, meninas e jovens solteiras, que ao casarem-se viam-se obrigadas a deixar este grupo, podendo optar por pertencerem a outras associações destinadas a senhoras casadas, como por exemplo, o Apostolado da Oração.

Os objetivos da Pia União das Filhas de Maria estavam centrados em duas perspectivas a preparação para o matrimônio e a maternidade, ou para a vida religiosa. Dentro destas duas perceptivas encontravam-se discursos sobre o corpo e a sexualidade, utilizados como ferramenta de normalização de condutas.⁴ Mas sem qualquer dúvida, o que mais chama atenção nesta associação católica, é a ênfase dada à preservação do corpo através da manutenção da virgindade.

Ao analisar o manual distribuído a todas as participantes desta agremiação, é possível perceber esta ênfase dada a essa temática logo em suas primeiras páginas, partindo do subtítulo do manual: “Sob o patrocínio da Virgem Imaculada e da Sta, Inez Virgem e Mártir”.

¹Doutorando no programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC. E-mail: ribasanaclaudia@gmail.com

² AGAMBEM, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 49.

³ RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 17.

⁴ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.



A referência a santa Inez é esclarecida logo em seguida, quando, logo após uma breve introdução do autor sobre a importância deste manual⁵, encontramos o relato de sua vida e morte como mártir.

Este relato sinaliza para os rumos pretendidos por esse manual, uma vez que destaca as virtudes dos santos que teriam morrido em defesa da fé, mas especialmente as santas, cujo parâmetro de santidade em muito se difere do padrão masculino, pois a admiração à santidade feminina estava voltada a “falange gloriosa das virgens”⁶. Isso se deve ao fato de que a santidade feminina, dentro do catolicismo se encontra muito ligada ao corpo e a seu controle, especialmente no que tange as sensações sexuais, e ao martírio, a escolha pela morte no lugar da “profanação” de sua pureza, em outras palavras, a preservação da virgindade física, diferentemente da santidade masculina, que poderia ser alcançada através da virtude e de demonstrações de fé no decorrer de uma vida de intensa fé cristã.

A presença da mulher neste ciclo: mulher, corpo, pecado, martírio e santidade é que se constroem os modelos ideais a serem seguidos pelas jovens católicas, e que ganha destaque nas páginas do manual das Filhas de Maria. É válido salientar que duas são as padroeiras dessa associação católica: Maria, a considerada eternamente virgem, e Inez, a santa que preferiu o martírio que casar-se, entregando assim sua virgindade.

No referido relato da santa, presente nas primeiras páginas do manual das Filhas de Maria, dois são os eixos centrais que sustentam a representação de sua santidade: a convicção da manutenção de sua virgindade e o seu martírio. De acordo com a narrativa, Inez teria optado pela castidade perpétua, inspirada em na representação da virgindade de Maria. No entanto, quando contava com a idade de treze anos, um jovem de procedência nobre, assim como a própria Inez, propôs-lhe casamento.

O relato presente no Manual da Filhas de Maria apresenta uma Inez extremamente ríspida, que chega a chamar o jovem de “pábulo da morte”, afirmando que já havia encontrado outro amante, que é descrito como “àquele cuja mãe é virgem, cujo pai não conhece mulher”, e conclui afirmando que estaria comprometida com “àquele cujo amor é puro, cujo amplexo é casto e cuja união é a própria virgindade”.⁷

⁵ Nesta breve introdução o autor destaca o “sucesso” do manual, uma vez que no ano de 1933 – edição analisa para a realização este trabalho -, publicava-se este livro pela décima nova vez.

⁶ RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 17.

⁷ Idem, p.14.



Em tal descrição é possível perceber alguns pontos interessantes, como a supervalorização da abstinência sexual total, assim como a íntima relação entre o significado de pureza como sinônimo de castidade. Neste contexto, o desejo de casamento do jovem é apresentado como um prelúdio de morte, tratado, na seqüência da narrativa como uma “paixão impura”⁸.

A narrativa segue descrevendo que diante da recusa de Inez, o jovem pretendente teria adoecido. Preocupado, o pai do rapaz, um pro-consul, procura a virgem na tentativa de convencê-la a aceitar a proposta de casamento. Diante da negativa desta frente a suas suplicas, o pro-consul decide torturá-la. A narrativa segue apresentando uma Inez inabalável, decidida a manter-se casta mesmo diante das ameaças. Deste modo, a morte é escolhida por ela, segundo a narrativa, como uma opção melhor que a entrega de seu corpo aos desejos sexuais.

Convém destacar que a linguagem utilizada para a produção desta narrativa é fundamentada em um maniqueísmo, um dualismo entre as forças do “bem” e as forças do “mal”, onde o martírio transforma-se em benção, uma vez que é escolhido em lugar do “pecado”, ou seja, da relação carnal. Deste modo, Inez é degolada.

Essa ênfase insistente da narrativa em destacar sua trágica morte é perfeitamente explicável, uma vez que este é um ponto essencial na biografia de um santo ou de um candidato à canonização, pois se trata de uma aproximação do exemplo dado por Jesus Cristo, onde o mártir não procura sua morte, mas a aceita livremente.

É importante ressaltar que a virgindade, assim como a abstinência sexual, não são tabus dentro dos preceitos da Igreja Católica ao contrário do que possa parecer, tratam-se sim, de princípios, metas de perfeição que podem guiar a santidade. No Manual da Filhas de Maria, aqui analisado, podemos perceber de maneira clara, como são descritas posturas que visam a preservação do corpo, seja dos olhos, seja dos desejos, tanto de outrem, como nos seus próprios.

Apesar de ser destinado a um grupo feminino de moças solteiras, é importante perceber que este manual foi escrito por um padre, e que esta associação era mantida e supervisionada sempre por um clérigo, um vigário local, que teria por função decidir sobre a idoneidade das postulantes e das aspirantes, a expulsão de membros consideradas, a partir de seu ponto de vista, indignas e deliberar sob quaisquer ações dessa associação⁹. Deste modo, não se tratavam de simples regras de conduta católicas, mas de uma construção de identidade de gênero concebidas a partir de uma ótica masculina.

⁸ RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 14.

⁹ Idem, p. 20-26.



O maior de todos os modelos dessa moral de abstinência sexual é indubitavelmente Maria, a mãe de Jesus, a personificação da santidade feminina, a anti-Eva redentora, a eterna virgem. Esta trazia em sua composição representativa o comportamento modesto, recatado, paciente, amável, humilde e manso, sem sobressaltos ou agitações. O íntimo vínculo entre a representação da mulher católica e a representação de Maria desenvolve-se dentro de um paradoxo comum na doutrina católica: Eva, a mãe dos homens e Maria, a mãe de Deus.¹⁰

Enquanto Eva representava a mulher tentação, a perdição masculina, Maria surge como a porta da salvação, modelo de recato e pureza, desvinculada do desejo sexual, ligada ao lar e a maternidade.¹¹

A religião católica, através de seus muitos instrumentos, tentava estabelecer poderosas e duradouras disposições e motivações para uma ordem de existência geral.¹² Assim, entendendo a sociedade como um empreendimento de construção de mundo, é possível perceber como a religião – também enquanto criação humana – adota para si o papel de mantenedora deste mundo, ou seja, acredita desempenhar um papel normativo¹³, como fornecedora de recursos simbólicos para uma ordem social, em um empreendimento constante contra a anomia¹⁴.

Está mais que claro nas páginas do Manual das Filhas de Maria o maior objetivo dessa associação católica: oferecer “um meio seguro pra preservar as donzelas cristãs do contágio corruptor do século”¹⁵.

Não há dúvidas sobre as mudanças que ocorriam de forma cada vez dinâmicas na sociedade ocidental, nessa primeira metade do século XX. Estes padrões femininos almejados pelo catolicismo - que já não faziam parte do cotidiano de grande parte da população brasileira, especialmente nas classes populares -, tornavam-se cada vez mais difíceis de serem inculcados, isto devido às mudanças pelas quais a sociedade brasileira passava durante esse período.

A industrialização das grandes capitais oferecia a elas oportunidades de trabalho e grupos organizados de mulheres exigiam seu direito ao voto. A participação feminina na política se acentua a partir da Constituinte de 1934, quando também o trabalho feminino também passa a ser regulamentando. Essas mudanças não seriam rápidas, nem fáceis, e se estenderiam por todo esse

¹⁰ FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. *O Padre Antonio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. São Paulo: Arké, 2008.

¹¹ Ibid, passim.

¹² GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989, p. 67.

¹³ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

¹⁴ Idem.

¹⁵ RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 19.



século, refletindo-se não apenas dentro do espaço público do trabalho remunerado, mas também dentro da esfera privada, na convivência e nas organizações familiares.

Mas ainda outros “perigos” ameaçavam as representações e os papéis de gênero construídos nos discursos católicos, assim como a visão de mundo fornecida por estes. O século XX, logo em suas primeiras décadas viu despontar a indústria cinematográfica norte-americana, transformando Hollywood em um referencial mundial para o cinema, também a influência norte-americana tornando-se cada vez mais visível em terras brasileiras: os filmes, a revista *Seleções do Reader's Digest*, a coca-cola¹⁶ popularizando-se entre os jovens, tudo em uma grande leva de sonhos americanizados, era o “*american way of live*”, ditando os últimos conceitos da moda: bigodes à *la Gable*, penteados à *la Garbo* e maiôs à *la Grable*.

Os reflexos desta influência norte-americana, especialmente vinda de Hollywood, podiam ser percebidos na imprensa feminina e de variedades, que passaram a dar cada vez mais espaço a cuidados de beleza, a técnicas de prolongamento da juventude, a conquista de uma silhueta esbelta¹⁷, ou seja, a tentativa de proporcionarem as leitoras a sensação de se aproximarem dos modelos de beleza apresentados pelo cinema, isto sem deixar de lado as últimas fofocas sobre a vida dos astros.

Estas leituras eram constantemente desaconselhadas às jovens católicas, assim como a leitura de livros nos quais o amor romântico ganhava maior destaque que a obediência aos pais e aos preceitos religiosos. Às Filhas de Maria era aconselhado, nos códigos de conduta de seu manual “abster-se de leituras de jornais, de livros e romances que ofendas a honestidade ou a Santa religião”¹⁸.

Mesmo que os discursos católicos descrevessem a “verdadeira mulher” como aquela que se dedicava a vida doméstica, aquela que zelava pela “virtude”, iniciava-se os tempos das divas e das *misses*, que já eram ensaiadas desde a década de 1920, mas que ganhavam destaque nas décadas de 1940 e 1950.

As roupas estilo de Paris e as maquiagens *made in Hollywood*. Vestidos e maillots mais ousados deixavam a mostra os ombros e as coxas, a maquiagem se acentuava inspirada nas atrizes norte-americanas dos filmes mais vistos nas salas de cinema do Brasil. Era a época do pó-de-arroz, do *rouge*, e do *baton*, tudo inspirados nas divas Gloria Swanson, Greta Garbo e Joan Crawford.

¹⁶ A Coca-cola começa a ser vendida no Brasil a partir de 1942.

¹⁷ SCHPUN, Mônica Raisa. *O Cinema em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuais*. In: ArtCultura: revista de história, cultura e arte, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007, p. 71-81.

¹⁸ RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 28..



Estes novos padrões de beleza serviam de norte para as críticas católicas, colocam a vaidade como sendo “o pecado da mulher” a atual “tentação de Eva”¹⁹. Os filmes norte-americanos encantavam as brasileiras, católicas ou não, que começam a adotar como seus referenciais representativos, modelos de beleza retratados nas salas de projeção. O corpo feminino não mais representava a condenação ou o pecado, mas o glamour do “belo sexo”.

Na tentativa de colocar-se na contra-mão dessas mudanças, reforçando seu caráter normativo os discursos católicos reforçavam seus preceitos, buscando promover o convencimento da população católica de que as transformações sociais traziam consigo a anomia e o caos relacional. Neste contexto, buscavam na onipresença divina um meio convencimento para adoção de seus códigos de conduta, como é possível perceber nas páginas do Manual da Filhas de Maria, quando aconselhava-se que “Em seus divertimentos devem proceder sempre como estando na presença de sua mãe Maria Santíssima”²⁰.

A modéstia era outro valor muito reiterado para as mulheres, e se refere a vestimenta feminina, que deveria se resumida a trajes que não deixassem a mostra nem cotovelos, nem joelhos, desaprovando também os trajes decotados. É válido ressaltar que a modéstia pregada pela Igreja Católica também excluía a utilização de quaisquer maquiagens, assim como depilações ou remodelamento de sobrancelhas.²¹

Tais preceitos eram reiterados para as Filhas de Maria com grande ênfase: “A santa modéstia deve resplandecer nos seus vestidos, e nunca admitirão no seu traje certas modas ridículas e exageradas”, pois era preciso “velar muito para que possam conservar sempre imaculado o seu precioso tesouro, a inocência e a pureza de sua alma”²². Torna-se clara a referência entre a exposição do corpo e a incitação dos desejos sexuais. Assim, “A condenação da beleza era sinônimo da ruptura com o corpo”²³.

Ainda dentro dessa perspectiva de preservação do corpo de possíveis incitações de conotação sexual, as moças solteiras eram constantemente desencorajadas a freqüentarem bailes. Para as Filhas de Maria, era aconselhado “evitar os espetáculos e bailes perigosos. A estes não

¹⁹ BRANDÃO, Ascânio. Modas e Vaidades. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1939, n. 228, p. 04.

²⁰ RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 28.

²¹ No decorrer da década de 1930 estes discursos apareciam com maior freqüência, delimitando abertamente o tamanho das saias e das mangas, por exemplo. Estes discursos vão se modificando durante a década de 1940, e durante a década de 1950 já se resumem a criticar “as modas”, sem se referir aos tamanhos das saias ou das mangas.

²² RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 29.

²³ CARNEIRO CARNEIRO, Henrique S. *A Igreja, a Medicina e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000. P.69.



devem assistir senão quando obrigadas, e sempre, em companhia de seus pais ou de quem fizer suas vezes, e com todo o recato”²⁴.

Os bailes são descritos como espaços “perigosos” para a virtude feminina, e as salas de baile, apresentadas como uma ameaça à reputação do “belo sexo”. Na verdade os bailes configuravam-se em “ocasiões oportunas de demonstração de poder e prestígio” que reservavam “às mulheres um lugar de destaque”²⁵ e que acabavam se configurando em um espaço de sedução. O que vinham na contra-mão de todos os preceitos almejados pelo catolicismo.

Para compreender, não justificar, a postura católica torna-se oportuno voltar os olhos para o ultramontanismo, no qual a figura da mulher surge como instrumento estratégico para a manutenção do poder da Igreja Católica, pois o clero acreditava que as normas católicas poderiam ser introduzidas no interior de cada família através da esposa/mãe, que educaria os filhos e influenciaria o marido. Desta maneira, a mulher seria a catalisadora dos preceitos normativos católicos, ao implementando-os primeiramente na família e, por conseguinte, a toda sociedade.

Tratava-se, também, de um empreendimento estratégico, que precisa ser analisado tendo vistas não somente para seu momento histórico de produção, mas considerando-o como parte de um fluxo constante, mas compreendê-la para além do dinâmico, na busca pelas permanências e as cristalizações.²⁶

Bibliografia

AGAMBEM, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. *O Padre Antonio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino*. São Paulo: Arké, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989, p. 67.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

²⁴ RÖWER, Basílio. **Manual da Pia União das Filhas de Maria**. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 28.

²⁵ ASSIS, Nancy Rita Sento Sé. Amor de Baile: ensaio sobre o lugar da virtude no processo de civilização dos costumes. In: *Revista Ártemis*, vol. 7, dez. 2007, p. 37.

²⁶ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: 2007, p. 30.



SCHPUN, Mônica Raisa. *O Cinema em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuados*. In: *ArtCultura: revista de história, cultura e arte*, v. 9, n. 14, jan-jun, 2007.

BRANDÃO, Ascânio. *Modas e Vaidades. O Apóstolo*, Florianópolis, 15 dez. 1939, n. 228, p. 04.

CARNEIRO, Henrique S. *A Igreja, a Medicina e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2000.

ASSIS, Nancy Rita Sento Sé. *Amor de Baile: ensaio sobre o lugar da virtude no processo de civilização dos costumes*. In: *Revista Ártemis*, vol. 7, dez. 2007.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: 2007.